

# CARTA DA INDÚSTRIA

Ano XVIII – Edição Especial Petróleo e Gás  
Maio de 2017

## NOVOS CENÁRIOS

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO  
DE PETRÓLEO E GÁS



Sistema FIRJAN | [www.firjan.com.br](http://www.firjan.com.br)

Sistema  
**FIRJAN**



INFORMA, FORMA, TRANSFORMA.

# O PETRÓLEO E AS EXPECTATIVAS PARA UM FUTURO PRÓXIMO

**Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira**

*Presidente do Sistema FIRJAN*

O petróleo está mais disponível e, consequentemente, mais barato. As empresas estão lucrando menos, os projetos mais restritos e as fontes de energia alternativa estão crescendo. Todas as afirmações acima são verdadeiras e preocupantes para um país como o Brasil, com enorme potencial exploratório no segmento de óleo e gás.

Entretanto, esses fatos não são uma novidade. Gradativamente o Brasil vem recebendo os indícios de como o segmento mudou ao longo dos anos, o que serve de alerta para nos adaptarmos ao novo cenário. A continuidade das licitações de áreas para exploração de petróleo e gás no Brasil, com um calendário de rodadas até 2019, quatro apenas no ano de 2017, sinaliza a retomada de abertura do mercado brasileiro, incentiva o planejamento da indústria e a atração de novos investimentos.

A realidade do pré-sal, com o cenário de maior abertura para participação de empresas internacionais, é o grande bônus do mercado brasileiro em um momento como o atual. O país tem a sua posição estratégica reafirmada e ganha fôlego diante das questões lembradas acima, visto que além da positiva alta produtividade dos

poços, as atividades do pré-sal também apresentam resultados promissores, como a redução de custos em algumas áreas.

Com tamanho potencial, o Brasil pode e deve acomodar outros novos investidores, que vão gerar ganhos socioeconômicos para o país como um todo. É a transformação do

---

## ***Uma Política Industrial de Estado, um ambiente propício ao investidor e o compromisso de tratamento isonômico é o nosso objetivo***

---

recurso em riqueza, algo pelo qual sempre viemos batalhando. Isso vale também para o estado do Rio, que com posição de destaque como polo de produção de petróleo e gás natural e o principal detentor de reservas provadas do país, tem um volume potencial a ser viabilizado.

Hoje, temos no Brasil uma capacidade produtiva já instalada, e agora ociosa, pronta para o atendimento de novas

demandas. Diversas empresas, com fornecimento direto para os operadores, foram atraídas para o país a partir da combinação de um mercado pujante, demanda existente e obrigação de conteúdo local.

Este, inclusive, é um tema que merece destaque, diante das inúmeras discussões envolvendo a temática. O conteúdo local é um mecanismo que visa a estimular a maior inserção da indústria nacional e o seu desenvolvimento. E, por isso, precisa ser amparado e preservado. O conteúdo local é um desafio nosso e de todos nós. Uma Política Industrial de Estado, um ambiente propício ao investidor e o compromisso de tratamento isonômico é o nosso objetivo. Os riscos que esse mercado por si só já traz não devem ser sobrecarregados por condições que nos desencorajem a seguir.

Precisamos seguir, sim, preservando nossas conquistas, fortalecendo nossa indústria como grande fornecedora de bens e demandadora de recursos energéticos, mas precisamos trabalhar juntos. Construir o presente de forma consciente, com diálogo aberto e produtivo. E amanhã certamente será diferente, mas pode ser muito melhor.

EXPEDIENTE: Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN). **Presidente:** Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira. **1º Vice-presidente:** Carlos Mariani Bittencourt. **2º Vice-presidente:** Carlos Fernando Gross. CARTA DA INDÚSTRIA é uma publicação do Sistema FIRJAN. Prêmio Aberje Brasil 1999-2000. Prêmio Aberje Rio 1999-2000-2001. **Gerência de Comunicação e Marketing:** Juliane Oliveira e Lorena Storani. **Editada pela Insight Comunicação.** **Editor Geral:** Coriolano Gatto. **Editora Executiva:** Kelly Nascimento. **Redação:** Lais Napoli e Nathalia Curvelo. **Revisão:** Geraldo Pereira. **Fotografia:** Fabiano Veneza. **Projeto Gráfico:** DPZ. **Design e Diagramação:** Paula Barrenne. **Produtor Gráfico:** Ruy Saraiva. **Impressão:** WalPrint Gráfica e Editora.

SISTEMA FIRJAN - Avenida Graça Aranha 1 • CEP: 20030-002 - Rio de Janeiro • Tel.: (21) 2563-4455 • [www.firjan.com.br](http://www.firjan.com.br) • **Gerência de Petróleo, Gás e Naval:** [petroleo.gas@firjan.com.br](mailto:petroleo.gas@firjan.com.br) • [www.firjan.com.br/petroleoegas](http://www.firjan.com.br/petroleoegas)

Garantir maior previsibilidade aos investidores e operadores de petróleo e gás é prioridade da Agência Nacional de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (ANP). Em entrevista à Carta da Indústria Petróleo e Gás, o diretor-geral **Décio Oddone** apresenta as principais ações planejadas para melhorar o ambiente de negócios e agilizar processos.



Divulgação/ANP

## ESTRATÉGIAS PARA UM NOVO AMBIENTE DE NEGÓCIOS

**CARTA DA INDÚSTRIA – Quais as principais ações da ANP para o biênio 2017-2018?**

**DÉCIO ODDONE** – Na área de Exploração e Produção, estão previstas quatro rodadas de licitações neste ano e mais três em 2018, dando previsibilidade à oferta de áreas. Além disso, a ANP vai estimular a atividade de exploração e produção de óleo e gás em áreas terrestres e promover ações para o aumento da vida útil e do fator de recuperação dos campos. Trabalharemos para que as mudanças nos segmentos de gás, abastecimento e biocombustíveis ocorram em benefício do consumidor. A ANP também pretende melhorar o ambiente de negócios tomando medidas para descomplicar procedimentos, agilizar a tomada de decisões, ampliar a delegação de poderes, aperfeiçoar o uso das ferramentas de TI e adequar a agenda regulatória, a divulgação de informações e o planejamento estratégico a esta nova realidade. Há ainda a intenção de implantar um cadastro único para os agentes

econômicos e aperfeiçoar os sistemas de gestão, além de adotar outras medidas com o objetivo de agilizar, simplificar, modernizar e aumentar a transparência dos processos que envolvem a Agência.

**CI – Como a Agência atuará na abertura de novas oportunidades em exploração de áreas terrestres no Brasil?**

**DO** – O estímulo à atividade de exploração e produção de óleo e gás em áreas terrestres está entre as ações prioritárias da ANP, e foi criada, inclusive, uma coordenadoria específica para tratar dessas áreas. Neste ano teremos a 4ª Rodada de Acumulações Marginais e a 14ª Rodada de Licitações que oferecerá áreas em seis bacias terrestres nos estados de Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Se conseguirmos atrair dezenas de novas empresas para a operação de campos pequenos e marginais em terra, vamos dar uma dinâmica para a indústria que não existe hoje. Vamos trazer serviços, *royalties*, geração de renda

em municípios que hoje não possuem atividades de exploração e produção de petróleo e gás. Por isso, queremos dar um grande foco nessas áreas de terra, que, além de oferecerem uma resposta mais rápida, têm uma capilaridade muito grande.

**CI – O que o mercado pode esperar com a criação do comitê permanente de análise de contratos em petróleo e gás na estrutura da ANP?**

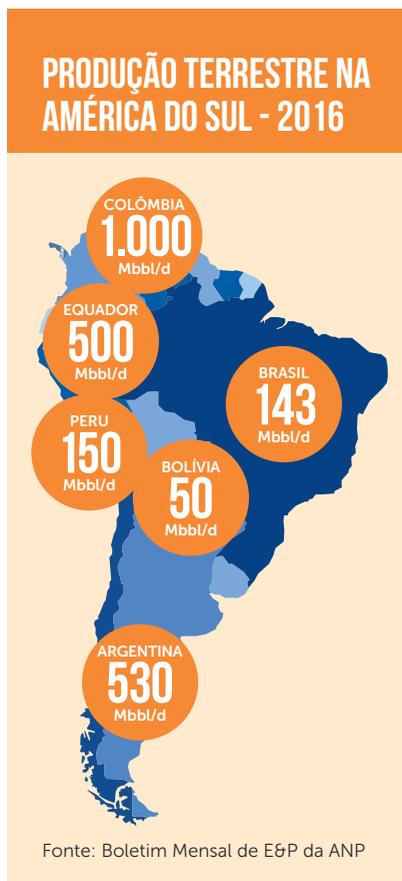
**DO** – O comitê foi criado para revisão e aprimoramento das minutas de editais e contratos das rodadas de licitação da ANP, já a partir deste ano. É coordenado pela Superintendência de Promoção de Licitações e conta com representantes das diversas áreas da Agência relacionadas ao tema, como as superintendências de exploração, desenvolvimento e produção, definição de blocos e segurança operacional e meio ambiente. Sua função é apresentar subsídios para as minutas de editais e contratos das próximas licitações de áreas exploratórias.

## POLÍTICAS VOLTADAS PARA O MERCADO ONSHORE FORTALECEM INDÚSTRIA DE PETRÓLEO E GÁS

A exploração de petróleo e gás *onshore* no país ganhará novo impulso em 2017. O Projeto Topázio – que consiste na venda de ativos da Petrobras –, os leilões com áreas terrestres da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) e o Programa de Revitalização das Atividades de Exploração e Produção de Petróleo e Gás em Áreas Terrestres (Reate) possibilitarão a entrada de novos *players* no mercado.

Com uma produção reduzida, em torno de 140 mil barris diários, o Brasil tem apenas em torno de 4% da sua bacia sedimentar terrestre contratada, de acordo com José Gutman, diretor da ANP. Assim, com 96% de áreas para serem licitadas, as oportunidades de atração de grandes operadoras e de fomento à cadeia de pequenos e médios produtores independentes são muito grandes. Em três anos, serão 10 leilões de licitação de petróleo e gás, sendo que em 2017 duas das quatro rodadas de negociação envolvem áreas terrestres – a 14ª Rodada de Licitações possui seis bacias sedimentares terrestres e a 4ª Rodada de Licitações de Áreas com Acumulações Marginais tem nove áreas de produção *onshore*.

De olho nas oportunidades do novo cenário, a ANP investiu em três iniciativas voltadas para o segmento no início deste ano. “Criamos uma coordenação específica para áreas terrestres na agência, além de um comitê permanente de análise de contratos e editais em exploração e produção de petróleo e gás, que trará mais dinamismo para o mercado. Além disso, prorrogamos os contratos do campo terrestre de Araçás de 2025 para 2052”, explicou Gutman.



Em paralelo, a Petrobras põe em prática o Projeto Topázio, que faz parte do plano de desinvestimento da empresa. Ela estuda a venda de 95 campos em terra, três campos em águas rasas e seis blocos exploratórios terrestres, localizados majoritariamente no Rio Grande do Norte, Bahia, Ceará, Sergipe e Espírito Santo.

Para Claudio Tangari, presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Nova Friburgo (Sindmetal), o setor metalmeccânico está preparado para ser fornecedor das empresas voltadas para o *onshore*. “Trata-se de um mercado

pequeno, mas promissor. Com as novas possibilidades em vista, há mais chance de investimento em equipamentos, e, quando isso acontecer, temos total competência de atender às demandas”, afirmou Tangari, que também é vice-presidente da FIRJAN.

### AUMENTAR A PRODUÇÃO

O Reate, lançado em janeiro pelo Ministério de Minas e Energia (MME), objetiva incrementar a exploração e produção em terra, para tornar essa indústria forte, competitiva e com pluralidade de operadores e fornecedores de bens e serviços. A iniciativa tem como meta triplicar a produção no país, saindo dos atuais 140 mil barris diários para 500 mil até 2030.

O programa deverá entrar em consulta pública até o final de abril, e no mês que vem terá as diretrizes definidas, para que seja submetido ao Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) em junho. “Tal ação deverá movimentar a economia de centenas de municípios e incentivar o desenvolvimento industrial”, reitera João Vicente Vieira, diretor do Departamento de Políticas de Exploração e Produção de Petróleo e Gás Natural do MME.

### DESENVOLVIMENTO REGIONAL

No Brasil, existem nove operadores independentes, que correspondem a apenas 0,38% da produção de petróleo nacional, enquanto em países com tradição de produção terrestre, como Estados Unidos e Canadá, milhares de operadores de pequeno e médio porte desenvolvem essa atividade, em geral com resultados expressivos – nos EUA, 13 mil produtores

independentes respondem por 54% da produção total. A Colômbia, que era um país com produção muito pequena, hoje já está produzindo 1 milhão de barris/dia no *onshore*.

A Associação Brasileira dos Produtores Independentes de Petróleo e Gás (Abpip) tem 10 anos de luta no fomento do *onshore* brasileiro e avalia positivamente as ações tomadas este ano para valorização do mercado. "Os produtores independentes costumam ser empresas de pequeno e médio porte. É importante que o nível de risco seja compatível com atividades de produção. Por isso, as áreas terrestres são a porta de entrada", explica Anabal Santos Junior, secretário executivo da Abpip.

De acordo com projeção da Associação, se o *onshore* tivesse sido explorado de forma correta nas cinco bacias, entre 2010 e 2015, a produção teria mais do que dobrado, gerando 193 mil postos de trabalho, cerca de R\$ 1,8 bilhão aos municípios dos cinco estados e mais 150 milhões de barris de petróleo. Essa estimativa adota como premissa a quantidade adicional de barris de petróleo que a Petrobras produziria caso apresentasse os mesmos índices de incremento dos produtores independentes que operam no Brasil, com um perfil de campos bem piores que os operados pela Petrobras.

Raul Sanson, vice-presidente do Sistema FIRJAN, destaca que um dos grandes benefícios na investida do *onshore* é conseguir interiorizar as atividades e, assim, gerar mais renda e emprego localmente. "As empresas voltadas para esse segmento operam primordialmente no Nordeste brasileiro, em municípios que

carecem de infraestrutura. Assim, distribuir para mais companhias a produção e exploração no *onshore* vai favorecer mais parcelas da população brasileira, ao gerar oportunidades localmente".

### PLANO DE AÇÃO

Em vista do cenário apresentado e com o intuito de fortalecer a indústria, o Sistema FIRJAN montou um plano de ação para o primeiro semestre. A primeira frente foi um *workshop* sobre o *onshore* apresentado em março, na sede da Federação, que contou com os principais *players* de petróleo e gás. Também está sendo construído o Mapeamento de Demandas do Onshore Brasileiro. A partir do estudo, será desenvolvida uma ação estruturada para acesso a esse mercado.

Karine Fragoso, gerente de Petróleo, Gás e Naval da Federação, ressalta a importância dessas ações para despertar o interesse dos empresários e órgãos do governo: "O que mais queremos é motivar as empresas brasileiras, em especial as fluminenses, a realizarem parcerias. Isso ajudaria na consolidação do *onshore* como boa opção de atuação".

Além disso, a FIRJAN está trabalhando em uma missão internacional prospectiva à Global Petroleum Show, a maior feira de petróleo e gás do Canadá, realizada anualmente na cidade de Calgary. O evento atrai grandes *players* globais e também conta com uma conferência técnica para os visitantes.

## PRODUÇÃO TERRESTRE NO BRASIL - JANEIRO DE 2017

23

OPERADORES TERRESTRES

306

MBOE/D NO TOTAL

19,6%

DA PRODUÇÃO DE GÁS NATURAL

10

BACIAS SEDIMENTARES

207

CONCESSÕES

5,1%

DA PRODUÇÃO DE PETRÓLEO

8

ESTADOS DA FEDERAÇÃO

7.775

POÇOS

149

MBBL\*/DIA DE PEFRÓLEO PRODUZIDOS

24

MMM<sup>3</sup>\*/DIA DE GÁS NATURAL



PETROBRAS

96%

DA PRODUÇÃO DE PETRÓLEO

70%

DA PRODUÇÃO DE GÁS NATURAL

\*Mil barris

\*\*Milhões de metros cúbicos

Fonte: ANP

## RETOMADA DE LEILÕES ATRAI INVESTIDORES E MOVIMENTA CADEIA DE FORNECEDORES NACIONAL

O mercado brasileiro de petróleo e gás tem novas perspectivas de investimentos com o lançamento de programas para fortalecer o segmento e o calendário de leilões previsto até 2019. Somente em 2017, estão programadas quatro rodadas de licitações: para campos marginais; para concessões de blocos exploratórios, em terra e em águas profundas; e 2ª e 3ª rodadas de partilha de produção do pré-sal.

Para o governo, há a expectativa de, com os leilões, gerar mais dinamismo ao mercado, com a atração de grandes *players* e aumento das demandas para a cadeia produtiva. Apenas com a 2ª rodada do pré-sal, a União espera arrecadar até R\$ 4,73 bilhões, em bônus de assinatura dos contratos.

“A grande oferta de campos e a diversidade de ambientes exploratórios têm potencial de alavancar a demanda de bens, serviços e sistemas da cadeia de fornecedores. Espera-se, com isso, dar previsibilidade de demanda, de modo que o país se consolide globalmente em áreas nas quais detém competências construídas”, afirmou Igor Calvet, secretário de Desenvolvimento e Competividade Industrial do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC).

### NOVOS INVESTIMENTOS

Uma das empresas que estuda participação nas rodadas deste ano é a Shell. A companhia anunciou um investimento de US\$ 10 bilhões no Brasil até 2020, valor que não inclui os leilões. De acordo com André Araujo, presidente da Shell, o país tem um

papel estratégico para a empresa, sendo um dos mercados mais importantes em que está presente: “A importância do Brasil para a companhia nunca foi tão grande. Com a aquisição da empresa BG no ano passado, tornou-se um dos três maiores países para a Shell em produção de petróleo e também um dos três principais destinos de nossos investimentos”.

Outra empresa que avalia aumentar os projetos no Brasil é a Total, cujo portfólio abrange 17 áreas de exploração no país, com participação de 20% no campo de Libra e cinco blocos como operadora na Bacia da Foz do Amazonas. A companhia

aponta como um reforço do seu comprometimento com o Brasil o projeto Aliança Estratégica, firmado com a Petrobras em 2016.

A iniciativa representa a entrada da Total no segmento de gás natural brasileiro e torna as empresas parceiras na exploração e produção de áreas como a Bacia de Santos. “Essa Aliança Estratégica permite que ambas as empresas combinem suas experiências, reconhecidas mundialmente, em todos os segmentos da cadeia de petróleo e gás natural, no Brasil e exterior. É uma iniciativa que reforça o compromisso de longo prazo da Total com o país e sua posição estratégica para nossos negócios”,

### LEILÕES DA ANP EM 2017

#### RODADAS DE LICITAÇÕES QUE SERÃO REALIZADAS NESTE ANO



4ª

RODADA DE ÁREAS COM ACUMULAÇÕES MARGINAIS



14ª

RODADA DE BLOCOS EXPLORATÓRIOS



2ª E 3ª

RODADAS DE ÁREAS DO PRÉ-SAL

#### PREVISÃO DE ARRECADAÇÃO DO GOVERNO

MAIS DE  
**8,5**

BILHÕES DE REAIS

EM BÔNUS DE ASSINATURA DOS CONTRATOS

Fonte: ANP



ressaltou Maxime Rabilloud, diretor geral da Total E&P do Brasil.

Além dos leilões, o mercado também deverá ter sua dinâmica alterada em função dos índices de conteúdo local exigido às empresas que exploram petróleo e gás no país. As novas regras propostas para 2017 reduzem em média 50% as quantidades mínimas de equipamentos e serviços nacionais, que serão apuradas de forma global.

Para Jorge Camargo, presidente do Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (IBP), o calendário de leilões, com novos índices de conteúdo local e o fim do operador único, responde a uma antiga demanda do segmento e contribui para atrair investidores.

"A retomada das rodadas, com regras mais atrativas, é o primeiro passo para dinamizar o mercado de óleo e gás e toda a cadeia de fornecedores. É positivo o fato de as ofertas contemplarem áreas em terras, águas rasas e águas profundas por permitir o crescimento e a atração de empresas de portes e perfis diversificados", disse.

#### **POLÍTICA DE FOMENTO**

Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira, presidente do Sistema FIRJAN, também avalia as quatro rodadas programadas para 2017 como o início da abertura do mercado brasileiro, potencializada com a participação de outras empresas na exploração do pré-sal. Ele alerta, contudo, para a necessidade de o conteúdo local fomentar a indústria nacional, sendo amparado por uma política industrial de estado.

"É preciso que esse mecanismo dê condições tanto para a indústria extrativa quanto para seus fornecedores. Sempre nos posicionamos e atuamos na

defesa da isonomia. O que se deseja não é protecionismo e sim regras adequadas à nossa realidade de país. Somos favoráveis e ferrenhos defensores da construção coletiva pelo diálogo. E a premissa para avançarmos é que todos busquem se ajustar a essa nova realidade", defendeu.

Outro aspecto considerado relevante no fomento a oportunidades para o setor é a estruturação de iniciativas governamentais, como o Programa de Estímulo

---

***"O que se deseja não é protecionismo e sim regras adequadas à nossa realidade de país. Somos favoráveis e ferrenhos defensores da construção coletiva pelo diálogo"***

***Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira***  
*Presidente do Sistema FIRJAN*

---

à Competitividade da Cadeia Produtiva, ao Desenvolvimento e ao Aprimoramento de Fornecedores do Setor de Petróleo e Gás Natural (Pedefor), instituído em 2016.

O secretário de Desenvolvimento e Competitividade do MDIC destaca que o Pedefor objetiva aumentar a competitividade da cadeia de fornecedores nacional.

A medida, aliada à reestruturação do Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural (Prominp), ampliará a capacidade de oferta e inovação do setor industrial brasileiro. "Com o Pedefor serão definidos

incentivos a fornecedores e bonificações, objetivando o reconhecimento legal e a valorização de iniciativas dos operadores que contribuírem ao aprimoramento das políticas de desenvolvimento econômico e tecnológico da indústria", disse Calvet.

No mercado de gás, há boas perspectivas para o setor privado com o programa Gás Para Crescer, anunciado pelo Ministério de Minas e Energia (MME). A iniciativa propõe ações para o fortalecimento do ambiente regulatório, com o aumento da participação de outras empresas nesse mercado.

Na avaliação de Ricardo Maia, vice-presidente executivo da Federação, o mercado de petróleo e gás brasileiro, em razão das mudanças regulatórias e das rodadas de licitações, vive um de seus momentos mais positivos em termos de oportunidades. "Temos passado por um cenário com alta intensidade de mudanças. Olhando para o futuro, o potencial que o Brasil tem com novos investimentos e o aumento da produção de petróleo é sem igual. Precisamos destacar a alta taxa de sucesso exploratória no pré-sal, o que acaba gerando maior segurança no retorno dos investimentos".

De acordo com ele, um dos fatores de atratividade para investidores é a alta taxa de retorno do pré-sal. "São mais de 80% de poços perfurados no pré-sal, onde há descoberta de petróleo, com elevada produtividade. Os próximos leilões precisam trazer retorno para o país, com a construção de um ambiente favorável à maior inserção da indústria nacional. O Sistema FIRJAN vem atuando fortemente em colaboração à nova dinâmica que esse mercado exige", concluiu Maia.

## DIVERSIFICAÇÃO DE OPORTUNIDADES E ATORES

Nos próximos anos, dado o tempo de vida útil de algumas de nossas plataformas em operação, deve crescer o mercado de abandono e descomissionamento no Brasil. Essas atividades demandam atendimento a regulamentações e especificações próprias, que, por sua vez, criam a necessidade de fornecedores qualificados.

No entanto, ainda que a vida útil do sistema de produção seja um limitante, é importante considerar o potencial total de extração de óleo e gás de um campo.

A prorrogação dos prazos de concessão da Rodada Zero, concedidos pelo CNPE em 2016, despertou no mercado expectativas para a continuidade da produção dessas áreas. Transformar declínio em aumento de produtividade é, sem dúvidas, um desafio.

É aqui, que entra o aumento do fator de recuperação dos campos. As novas projeções do preço da commodity também explicam a redução das reservas de petróleo brasileiras, declaradas pelos concessionários e divulgadas pela ANP.

O quanto maior a recuperação em óleo, maior a extensão de vida útil de um campo, maior o retorno econômico possível e maiores as oportunidades. A contratação de estudos e a aplicação de diferentes métodos, é o que permite o aumento do fator de recuperação dos campos. Para isso, é necessário investimento.

De acordo com a ANP, que promoveu um seminário sobre o tema, o fator de recuperação brasileiro gira em torno de 20% – ao serem consideradas as reservas

provadas, prováveis e possíveis. Considerando, as referências internacionais que ultrapassam 50%, ainda há bastante espaço para avançar.

Implementar projetos de recuperação de óleo depende de novos investimentos, com desafios em ganho de escala e riscos do crescimento de custos em exploração e produção. Em geral, a otimização das operações envolve menores tempos e custos de perfuração e o desenvolvimento de novas tecnologias.

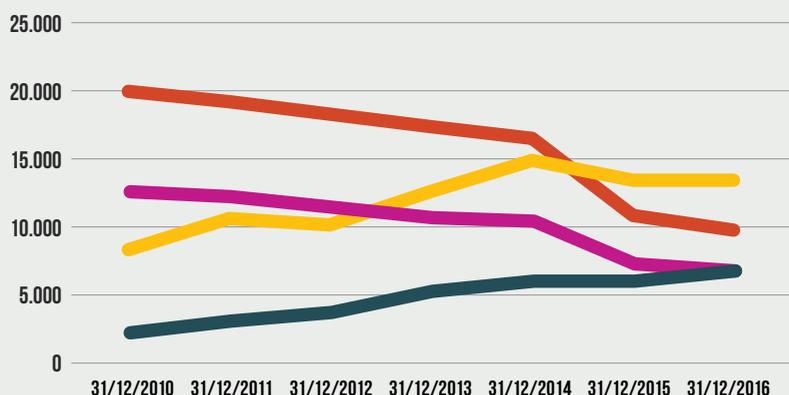
Para as empresas, esse ambiente pode trazer uma grande oportunidade de criar uma indústria de pequeno e médio porte no Brasil, partindo de campos em terra, sem deixar de considerar campos maduros em mar. Essa diversidade de atores e complexidades atribui

maior maturidade a esse mercado no Brasil, o que também é um atrativo para investidores de diferentes tamanhos.

E aqui, os instrumentos regulatórios precisam permitir a criação de ambientes pró-negócios. Riscos e incertezas desnecessárias devem ser mitigados na construção de uma visão apropriada do negócio. Cada área a ser explorada demanda soluções dedicadas em atendimento às práticas de um mercado globalizado.

Por fim, a possibilidade de trazer novos atores e maior diversidade para esse mercado é sempre desejável. Vale considerar a lógica do negócio, remunerando ao máximo os ativos e as infraestruturas, antes de pensar em desativá-los. Há que se olhar o novo, sem esquecer do velho.

### EVOLUÇÃO DAS RESERVAS DE PETRÓLEO NO BRASIL



Fonte: ANP